

## Os centros históricos de Cabo Verde e sua caracterização habitacional - da época colonial

The historic centers of Cape Verde and their housing characterization in the colonial era.

**Claudino Borges**  
Doutorando em História  
Universidade de Évora  
claudinoborgss@hotmail.com

**Recebido em:** 07/09/2020

**Aprovado em:** 23/11/2020

**RESUMO:** Alguns centros históricos de Cabo Verde remontam ao período proto quinhentista. São representadas pelo seu património arquitetónico uma herança simbólica e singular do período colonial. Estes centros históricos segundo alguns historiadores<sup>1</sup> são uma extensão da vila de Ribeira Grande – Ilha de Santiago, e particularizaram – se pelo seu povoamento inicial minoritariamente entre brancos / europeus, (proprietários e armadores), e que pelo seu estatuto simbólico apresentado por meio das suas grandiosas casas senhoriais, que ladeavam as humildes habitações dos negros / africanos. É neste contexto que este artigo propõe uma discussão em torno da evolução da arquitetura colonial nestes territórios, as suas influências e ao mesmo tempo provar que existia uma relação direta entre as estruturas habitacionais edificadas e a estrutura social que se iniciou no período da colonização e que se estendeu até aos nossos dias, mesmo que seja de uma forma diferente.

**Palavras-chave:** Centro histórico; Arquitetura; Património

**Abstract:** Some historic centers in Cape Verde date back to the proto sixteenth century, represented by their architectural heritage is a symbolic and unique heritage from the colonial period. These historic centers, according to some historians, are an extension of the town of Ribeira Grande-Island of Santiago, and are distinguished by their initial minority population among white people / Europeans, (owners and ship-owners), and that by their symbolic status presented through their grandiose stately homes, which flanked the humble dwellings of blacks / Africans. It is in this context that this article proposes a discussion of the evolution of colonial architecture in these

---

<sup>1</sup> CARREIRA António, Cabo Verde – «*Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878)*», 2ªed., Instituto Caboverdiano do Livro, Lisboa, 1983.

territories, their influences and at the same time to prove that there was a direct relationship between the built housing structures and the social structure that began in the period of colonization and that has extended to the present day, even if in a different way.

**Keywords:** Historic center; Architecture; Heritage

## Enquadramento Geográfico De Cabo Verde

O arquipélago de Cabo Verde está situado no Oceano Atlântico, entre o Trópico de Câncer e o Equador, nos paralelos 14° 12' e 14° 48' de latitude N e o meridiano 22° 44' e 25° 25' de longitude WG, ao largo da costa ocidental do continente africano e a 500 km do promontório que lhe deu o nome – o cabo verde que fica no Senegal (Brito Semedo, 2006:50). O seu achamento deu-se nos finais do século XV (datada de 01 de Maio de 1460). É um arquipélago de origem vulcânica, tem 4.033 km<sup>2</sup> de superfície e 491.875 mil habitantes (Censo 2010) é composto por “10 ilhas e 5 principais ilhéus”. As dimensões das ilhas variam entre 991 Km<sup>2</sup> (Santiago) e 35 Km<sup>2</sup> (Santa Luzia).

Francisco Xavier Faria (1970) descreve – o, com referencia a sua localização, de modo muito próximo da descrição apresentada por vários estudiosos entre os quais Manuel Múrias que, sustenta que cabo verde fica situado a 455km da costa ocidental da África (1939).

Segundo Amaral (1991)<sup>2</sup> o nome de Cabo verde é derivado por se situar frente ao promontório com o mesmo nome. O mesmo corrobora Ernesto de Vasconcelos, num estudo e descrição feita sobre a Costa Ocidental da África do Senegal ao Cabo do Monte, no século XVI em que este descreveu:

Deste cabo Verde no mar oceano côtra ocidente jaze as ilhas que se chamã ilhas de Cabo verde. Aynda que elas nã sejam verdes, pore tomam ho nome deste Cabo que he sempre verde das quaes ilhas se hirã no quaderno das ilhas do mar perderam oceano (Amaral, 1991:2).

De fato a posição do arquipélago, a 1400Km a sudoeste das canárias fica muito longe da costa o que terá condicionado o alcance destas ilhas por parte de populações africanas, mas fica, convenientemente próximo, para facultar uma localização que viria a desempenhar uma função de placa giratória ou ponto estratégico, no processo do comércio triangular sabendo que o país

---

<sup>2</sup> AMARAL, Ilídio do. **Cabo Verde: Introdução Geográfica** – In ALBURAUERQUE, Luís de e SANTOS, Maria Emília Madeira – Historia Geral de Cabo Verde, vol. I. Lisboa/praiã: Instituto de Investigação Científica Tropical de Portugal/Direção Geral do Património de Cabo Verde, 1991,p. 2.

desempenhou a função de entreposto comercial entre Europa, África e América e com outras variantes ao longo do tempo conforme descreveram Iva Cabral e Maria Emília Madeira Santos (2000). Importante realçar que a noção de posição estratégica decorre das funções que o território desempenhou em cada momento. Embora não constituindo escala sistemática, Cabo verde foi ancoradouro para muitas aflições nas rotas atlânticas tais como: as carreiras das minas de São Tomé, ou ainda nas carreiras transatlânticas para as Índias ou para América.

## O Período Colonial

Depois da descoberta do arquipélago, dois anos mais tarde começou o processo do povoamento das ilhas de Santiago e Fogo, envolvendo os portugueses e os escravos negros vindos da costa ocidental africana. Segundo Brásio, (1962:49-97), o Rei D. Afonso V queria que o seu irmão Infante D.Fernando, desencadeasse imediatamente o povoamento das ilhas de Cabo Verde em que consta através da Carta Régia de doação de 19 de Setembro de 1462 [...] *queremos que elle haja livremente as ditas jilhas e senhorio e povoradores d'ellas [...]*. Foi então a partir dali que começaram a chegar a ilha de Santiago, juntamente com o genovês António da Noli e sua família, os portugueses do Alentejo e do Algarve (Brásio,1962: 83-97).

Volvidos quatro anos de tentativa de povoamento sem sucesso, e atendendo a muitas dificuldades encontradas, conforme se testemunha através da carta de privilégios de D. Afonso V, datado de 12 de Janeiro de 1466 em que esta explícito que Santiago se começara a povoar *haverá quatro anos*, a cargo do seu irmão e senhor da ilha; mas [...] *por esta ser tao alongada de nossos reinos a gente não quer em ela viver senão com mui grandes privilégios e franquezas e despesa sua* por isso, autorizou o rei:

[...] que os moradores da dita ilha que dai em diante para sempre hajam e tenham licença para cada vez que lhes prouver poderem ir com navios a tratar e resgatar em todos os nossos tratos das partes da Guiné [...] (Brásio, 1962: 431-435).

Volvidos um ano apos a implementação da carta de privilégios, começou-se a intensificar o processo de povoamento com através das relações comerciais e de miscigenação, originando o aparecimento de três espécies de castas: os brancos descendentes do continente europeu, os pretos da linhagem pura africana (escravos trazidos da costa da Guiné) e os mulatos (mestiços), considerados como *brancos da terra* resultante do cruzamento entre os brancos da europa com as

mulheres negras. Esta casta teve um aumento significativo no século XVI quando começaram a enviar para o arquipélago os degradados a cumprir sentença (Barcelos, 2003:28).

A partir de então a pirâmide social Cabo-verdiana do século XVI passou a ser da seguinte maneira:



De acordo com a construção desta pirâmide social se pode concluir que os escravos negros pertenciam ao grupo maioritário mas sem quaisquer poderes liberdades e garantias, a parte intermédia era composto pelos brancos da terra e pretos forros que pertenciam a elite média e por último no topo se encontrava os brancos do reino que mesmo sendo grupo minoritário eram os detentores do poder. Neste aspeto pode-se afirmar que as diferenças entre as camadas sociais influenciou e muito nas discrepâncias entre os padrões habitacionais durante o período em estudo tendo os Brancos vindos do reino habitados nos imponentes sobrados e nas casas grandes (mais concretamente para os que possuíam grandes propriedades), os brancos da terra e os pretos forros<sup>3</sup> nas casas grandes de pequena dimensão e nas habitações vernaculares e os escravos negros que eram forçados a habitar nos espaços de arrecadação das casas dos seus patrões, nas senzalas e noutros sítios dependendo das funções que estes desempenhavam.

Sendo assim, o processo do povoamento e por toda a época colonial, como era de se esperar, os núcleos históricos urbanos foram edificados dentro dos parâmetros do urbanismo português. Pode-se afirmar que a influência arquitetônica portuguesa foi exportada para as cidades da expansão e esses foram modelos que serviram de base para a criação das cidades atlânticas. Segundo Orlando Ribeiro (1962), o primeiro marco da expansão portuguesa, os arquipélagos da Madeira e dos Açores,

---

<sup>3</sup> Escravos negros livres que receberam do seu patrao a carta de elforria. Estes contruíram as suas proprias casas e famílias e também possuíam seus proprios escravos. Por isso durante este periodo estavamos perante uma sociedade escravocrata.

completamente ocupados nos meados do século XV, são uma réplica da fisionomia humana de Portugal numa paisagem física que o continente desconhece, onde todas as cidades têm um ar de família.

Nuno Portas (1995:430), ao abordar as questões das construções portuguesas durante o período do império ultramarino, centrando-se nos exemplos de Portugal, América latina, Costa da Índia e África diz que existe uma “constância dos modelos urbanísticos adotados”, assim como uma “relação com a civilização de origem (...)”. Também José Fernandes (1989:247) é categórico ao afirmar que esses núcleos urbanos, no nosso caso os centros históricos de Cabo Verde, têm “uma influência mais ou menos direta do povoamento português”. Por sua vez, Manuel C. Teixeira (1998:57) refere que “ (...), todas elas tinham o mesmo modelo de referência eram as cidades existentes construídas em Portugal”.

Por isso, atendendo ao exposto, podemos caracterizar a arquitetura habitacional dos centros históricos em Cabo Verde em duas fases distintas, em que o tradicional e o contemporâneo ajustaram-se ao longo do tempo e acompanharam as mudanças globais.

A denominada fase ou período colonial que começou com o povoamento do arquipélago de Cabo Verde em 1462 e se estende até ao século XVIII culminando com o processo da abolição da escravatura em 1850, caracterizada por centros urbanos edificados com um planeamento estruturado, quase homogéneo, com estas construções a atravessarem séculos e hoje a fazerem parte do cartão-de-visita desses centros históricos. Nesta fase (nos primeiros séculos de povoamento) a evolução e adaptação da arquitetura em Cabo Verde passou por muitas dificuldades, visto que, se por um lado as pedras vulcânicas eram abundantes no arquipélago os europeus e os africanos desconheciam as técnicas para a sua utilização. A escassez de pedras de cantaria, madeiras e telhas constitui-se graves problemas construtivos durante alguns séculos de povoamento. As secas cíclicas por que passava o arquipélago não facilitavam na produção de madeira que garantia muitas construções, por isso era necessária a sua importação a larga escala na primeira década do século XVI (Semedo, 2009). Também as construções populares à base de terra (taipas, adobe, tijolo e barro cozido), que eram técnicas de construção dominadas tanto pelos portugueses como pelos africanos, não conseguiram impor-se no arquipélago supostamente por falta de argilas suficientes.

Para a construção de monumentos religiosos, de defesa e proteção, e das casas senhoriais foram feitas baseadas na importação de pedras de cantarias, telhas, cal e algumas delas talhadas com calcarenitos da ilha do Maio.

A consolidação das técnicas de construção em Cabo Verde teve a sua consolidação nos finais do século XIX, com a utilização das rochas vulcânicas na construção das paredes, assim sendo, a utilização do tijolo de barro importado somente era utilizado na construção dos edifícios públicos e nas casas das famílias de elite social, em que utilizavam argamassa cal e areia para o ligamento das pedras. As casas populares pertencentes a outras camadas sociais eram feitas de pedra de junta seca, pedra e barro (argila e areia) e cobertas com palha de cana sacarina e folhas de carrapato (Semedo, 2009). A utilização o cimento mais concretamente do tipo *Portland* nas ilhas de Cabo Verde e a técnica do betão armado, chegou muito tarde mais concretamente a partir do Sèculo XIX, com o reforço das construções das obras públicas (Guedes, Lopes, et al., 2010:78).

Com a persistência da seca nos finais dos anos sessenta e no início dos anos setenta do Século XX, teve reflexos na carência da palha de cana-sacarina, para a cobertura das casas, pelo que o governo da antiga província criou um programa de assistência pública de distribuição de telha de fibrocimento. Até esta altura o consumo do cimento abrangia apenas as obras públicas (Gomes, 2004).

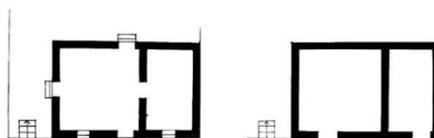
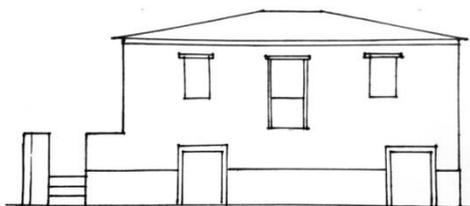
Assim como a fase que denominamos de pós-independência (a partir de 1975), as construções tradicionais, tanto no meio rural como urbano evoluíram-se, sendo que a utilização do cimento deixou de ser apenas para as obras públicas e passou a ser de domínio popular com a introdução e difusão de blocos de cimento e de cascalho nas construções das paredes em detrimento da pedra. As mudanças ocorridas tiveram reflexos tanto na diversificação dos materiais de construção utilizados como na arquitetura popular. O uso de betão armado nos elementos construtivos permitiram a extensão das casas e o aumento do número de pisos, no meio rural. Nesta fase também é caracterizada por um desenvolvimento urbano inicial sem planeamento, visto que o planeamento urbano chegou muito mais tarde, e também influenciada pelo sistema orográfico do território, visto que os primeiros assentamentos urbanos cresceram perto da orla marítima e também entre os vales que possuíam muitas águas e terrenos propícios para a prática da agricultura.

Imagem n° 1



Exemplar de sobrado na Cidade Velha na Rua de Banana (Claudino Borges, 2017).

Imagem n° 2



Alçado ou vista do sobrado em Cidade Velha (Claudino Borges, 2018).

Estes assentamentos são visíveis não só no coração da cidade como também nas zonas periféricas. Com o passar do tempo, e devido ao processo acelerado do êxodo rural, esses espaços chegam atualmente a fazer confusão sobre qual o espaço que podemos considerar como centro Histórico? Onde termina o assentamento antigo, planejado e urbanizado no período colonial, e começa o originado no período pós-independência? Por este motivo, os centros históricos de Cabo Verde apresentam uma característica específica e multifacetada em termos da arquitetura habitacional edificada em períodos e contextos diferentes. Para melhor compreendermos essa caracterização, procuramos fazer uma ponte com as cidades africanas de influência ultramarina que são produtos de influência das cidades tardo-medievais e renascentistas portuguesas no continente, já que no lote dessas cidades podemos incluir as de Cabo Verde.

Nesta ótica, segundo Izabel Raposo e Cristina Henriques (2005:114), fazendo alusão a cidade de Maputo, em Moçambique, “ O aglomerado cresce dual: por um lado a cidade de ‘cimento’ dos colonos e por outro o ‘caniço’, sem direito de cidadania, onde se acomodam os seus múltiplos servidores”. Na mesma linha de análise, David Leite Viana (2013: 18. v.1,n.1), ao abordar a questão da base construtiva das cidades africanas, diz que:

O colonial e o pós-colonial, o centro e a periferia, o formal e o informal, o regular e o irregular, e ordem e a desordem, o previsível e o imprevisível, o ordenado e o espontâneo, o macro e o micro, o global e o local, geometrias lineares e geometrias complexas (Viana, 2013:18. v.1,nº1).

Esta é a raiz da condição de indefinição e transição que marca a cidade africana, com destaque para Cabo Verde, e que a consubstancia enquanto o mosaico urbano plural e polimórfico.

Podemos concluir que esta indefinição em distinguir o centro histórico da periferia, este muitas vezes relacionado com o processo do êxodo rural e que por sua vez arrasta consigo o alargamento das malhas urbanas de uma forma desorganizada, sem qualquer planeamento. Nestes espaços são edificados conjuntos habitacionais, lugares onde se realizam pequenos comércios e outros setores de atividades. Mas com o fim do período colonial em 1975<sup>4</sup>, com uma forte aposta na introdução da técnica de betão armado e de confeção de blocos do mesmo, começou a diferenciar com mais clareza o período histórico arquitetónico colonial do não colonial.

---

<sup>4</sup> O período colonial vigorou em Cabo Verde desde a época do descobrimento até à queda do regime Salazarista em 1974. Por sua vez, o arauipélagos tomou a sua independência em 5 de Julho de 1975.

No seu artigo científico sobre o setor informal em países da África subsariana, Ilídio do Amaral (2005) afirma que “Está provado que nos países em desenvolvimento, com manifestas dificuldades do Estado e do sector dito formal darem respostas às necessidades básicas da população, o sector informal supere essas faltas (...)”. Daí as cidades manifestarem na sua arquitetura e na sua estrutura urbana essa dualidade, do formal e da resposta informal às necessidades.

No caso de Cabo Verde, em termos do desenvolvimento do centro histórico do período colonial, não podemos em rigor afirmar que existiu um crescimento dual, mas sim um sistema dual, evidente nos sistemas construtivos utilizados e tendo em conta a análise que fazemos da estratificação da sociedade no processo de povoamento. Por isso, para este estudo caracterizamos o sistema habitacional dos centros históricos do período colonial em três categorias:

### **A) Os sobrados pertencentes aos colonos e às famílias abastadas**

Os sobrados, habitações de dois andares, correspondem à grande percentagem da tipologia histórica. São casas senhoriais com o espaço residencial no primeiro andar, geralmente protegido pelo sol por uma varanda coberta. São construções baseadas no estilo arquitetónico das cidades portuguesas<sup>5</sup>, mas com alguns ajustamentos introduzidos em função das condições climáticas do país. Em alguns casos, o pavimento térreo era ocupado por uma função comercial. No que se refere à fachada, os dois pisos são simétricos, sem reentrâncias ou balanços. Os sobrados mantêm a métrica das casas térreas: as portas e janelas dos pavimentos inferiores correspondem com as dos pisos superiores. A parte frontal era bastante simples, composta por duas portas (piso térreo) e três janelas (no piso superior), com uma de mansarda (ao centro).

---

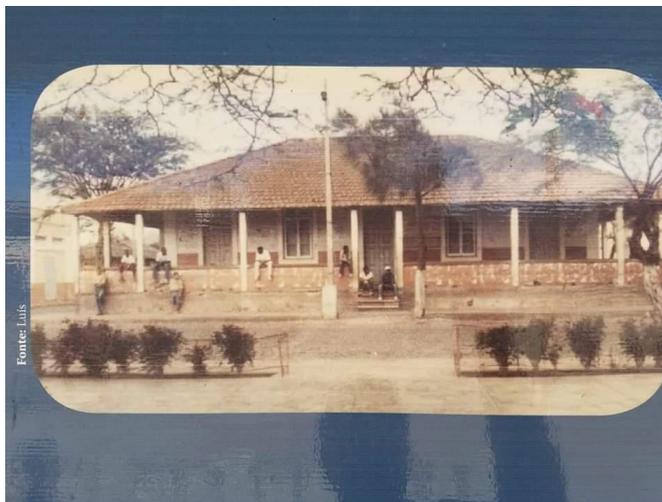
<sup>5</sup> Esta tipologia de construções estendeu-se também a outras colónias portuguesas como por exemplo Brasil, em o autor Gilberto Freyre na sua obra *Sobrados e Mucambos* (1936), traz como tema principal a decadência do patriarquismo do ambiente rural brasileiro ocorrido no século XIX.

**Imagem n° 3**



Sobrado da família Macedo no centro histórico de São Filipe – ilha do Fogo  
(Fonte: Maria Aleluia Pina Correia, 2006).

**Imagem n° 4**



Exemplo de casa grande centro cultural Norberto Tavares- Assomada  
(Fonte: Cedida gentilmente por Luís Leite).

Mais tarde, no início do século XVII, construíram-se novos tipos de sobrados principalmente na Ilha do Fogo, mais complexos, em que foram introduzidas varandas, com a função de protegerem o interior da casa do efeito do sol abrasador. Ainda é possível encontrar alguns sobrados com platibandas de diversas cores, encimadas por jarrões de cantaria, paredes lisas portas e janelas de mogno. Segundo Jesus, (2007:47)<sup>6</sup>

utilizando a técnica dos sobrados, as lojas ou cave se localizava no piso térreo da casa de dois pisos destinados no meio rural a armazém de alimentos e diversos materiais de apoio ou mesmo abrigo de animais. Raras vezes poderia ser utilizado como adega, aonde com a evolução urbana as caves dos sobrados passaram a ser usados simplesmente como espaço de armazenamento, ou para ser utilizado como albergar o comércio local (Jesus, 2007:47).

Muitas vezes encontramos sobrados em que a parte do rés-do-chão servia de estábulo e moradia dos escravos pertencente aos proprietários.

### Imagem n° 5



Imagem n° 5 -Exemplar de casa grande mais simples no centro histórico de São Salvador do Mundo - Picos (Claudino Borges).

### **B) As chamadas Casas Grandes pertencentes aos pequenos proprietários**

Como dissemos anteriormente, Cabo Verde é composto por dez ilhas e estas, por sua vez, possuem os seus centros históricos considerados como os corações das cidades onde estão localizados. Alguns são classificados como património mundial, como sucede com a Cidade Velha (ilha de Santiago), outros como património nacional, como sucede com os centros históricos de

---

<sup>6</sup> PIRES, F. de Jesus Monteiro. **Da Cidade da Ribeira Grande à Cidade Velha em Cabo Verde – Análise histórico formal do espaço urbanos séculos XVI-XVIII**. Ed. Universidade de Cabo Verde. Mindelo. 2007.p. 47.

Praia-Santiago, São Filipe – Fogo, Mindelo – São Vicente, Nova Sintra – Brava, Ribeira Brava – São Nicolau. Os não classificados, em maior número, possuem um elevado grau de potencial econômico, social e patrimonial que justificam a sua elevação à categoria dos classificados.

Por ser um país arquipelágico, muitos centros urbanos foram edificados e se desenvolveram juntos dos portos, mas por outro lado existem os centros históricos que pertencem ao meio rural, como é o caso das cidades da ilha de Santiago: São Domingos, São Lourenço dos Órgãos, Santa Catarina – Assomada, Tarrafal. É justamente nesses centros históricos que encontramos um outro tipo de habitação, a chamada “casa Grande”<sup>7</sup>, pertencente a proprietários fundiários de escalão médio. Esses senhores implantaram as suas habitações no meio rural por possuírem aí terrenos agrícolas ou serem seus rendeiros, muitas vezes também proprietários de mão-de-obra escrava.

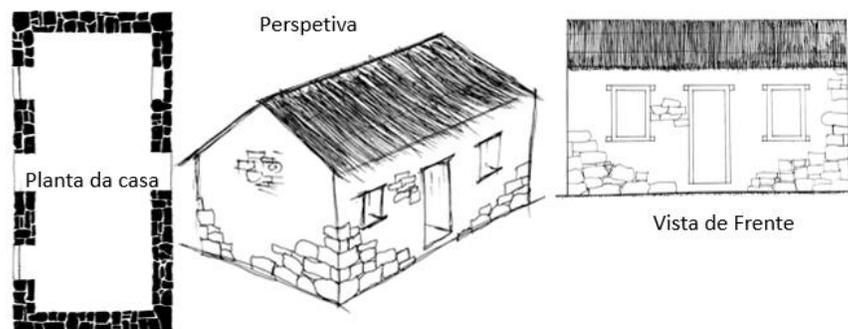
A Casa Grande dividia-se em dois tipos: as que podemos denominar de mais complexa, devido ao sistema construtivo e à capacidade econômica do seu proprietário, e as mais simples.

Inicialmente, o termo não era utilizado, todas as casas eram denominadas de moradias ou casas de vivenda. Mas a partir de meados do século XVII passou a ser utilizado para atender à maior dimensão das residências dos donos das grandes propriedades rurais de Cabo Verde no período colonial. As suas principais características eram a varanda com o catacrese, que servia como complemento arquitetônico que utilizava pilares e vigotas de madeira para se destacar da fachada, e o pavimento interior revestido de madeira em todos os compartimentos residenciais.

### Imagem nº 6



<sup>7</sup> Do ponto de vista arquitetônico assemelha-se as casas grandes brasileiras descritas por Gilberto Freire na sua obra “Casa & Senzala” publicada em 1933 em que apresenta a importância da mesma na formação sociocultural brasileira, assim como na senzala na complementação da primeira mas no nosso estudo de caso convém dizer que em Cabo Verde esta expressão também sempre foi utilizada indo ao ponto em que existem duas localidades (uma na cidade de São Salvador do Mundo e em São Miguel), ambas na ilha de Santiago que possuem este nome.



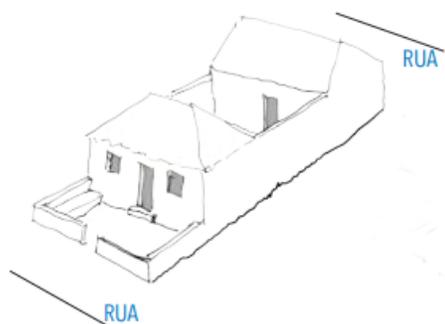
Exemplar de casas ou vernaculares no centro histórico da Ribeira Grande Santiago e vista em perspectiva (Claudino Borges).

A casa grande servia para representar a forma da vida patriarcal do sistema colonial em Cabo Verde, pois todos estavam ligados a sistema da senzala que funcionava como um complemento político, económico e social.

### As Casas Grandes mais simples

Também pertencentes a proprietários rurais da época colonial, apresentavam características mais simples: não tinham varanda e o seu interior estava organizado por 2 a 3 compartimentos destinados à residência dos senhores, com pavimentos revestidos de cimento queimado. A casa estava interligada por um quintal que servia como espaço de arrumos, criação de animais ou armazenamento dos materiais. Nesse mesmo quintal estava localizada a senzala para os escravos e o piso era de terra batida ou calcetado com pedras rústicas ou basáltica.

### Imagem 7º



Construção com duas frentes de rua (fonte: Manual de Cidade Velha Guia de normas urbanísticas e fotografia: Claudino Borges)

### C) As casas tradicionais ou vernaculares /casas comuns pertencentes às famílias menos abastadas

A arquitetura popular Cabo-verdiana é considerada a mais simples no período colonial, já que possui traços da arquitetura popular portuguesa e dos funcos originários do continente africano. É constituída por apenas um piso e são os tipos de habitações mais comuns nos centros urbanos (embora nos últimos anos tenham aparecido habitações mais modernas, fruto dos tempos que correm).

As casas de arquitetura tradicionais são as habitações das famílias de baixos recursos econômicos. Normalmente são famílias numerosas que muitas vezes vivem “amontoadas” nessas casas de dimensão reduzidas. Inicialmente, eram casas com um único compartimento e vãos de tamanho reduzido, mas, com o decorrer dos tempos, estas características sofreram modificações significativas, a fim de dar respostas às novas exigências do aumento do número de agregado familiar e de higiene, com a construção de pequenos quartos e casas de banhos.

Observando o sistema construtivo, podemos verificar a existência de uma harmonia em termos da dimensão e do alinhamento com as ruas. São construídas com pedra e cal, têm paredes grossas e rústicas, um formato retangular e possuem uma área total que varia entre os 30 a 70 m<sup>2</sup>. São cobertas com telhas vindas da ilha do Maio ou com palhas de bananeira, de caniço de bambu, ramos de coqueiro ou folhas da cana-de-açúcar, trançadas e bem amarradas ao caniço com cordas de sisal. Nos finais do século XVI, foi introduzida a técnica dos tabiques (armação de madeira enchida com cascalho argamassa de cal e areia). Segundo Walter Silva (2015:50) partir do século XIX se começou a construir casas com divisórias de pedra e blocos feitos de argamassa em que:

a fachada frontal é acabada com pedra basáltica ou calcária e escassilhos à vista com algumas pedras em mármore português ou pedra da ilha do Maio provenientes da Ruína da Sé Catedral ou outros edifícios religiosos mas nas paredes utilizavam essencialmente o barro como ligante (Silva 2015:50).

Essas casas, mesmo construídas com esses materiais, cujo sistema da cobertura é de duas e quatro águas, assemelhando-se às coberturas com telhas, utilizando-se muitas vezes o caniço, as palhas da cana-de-açúcar e os ramos de caqueiro. As suas pavimentações são de argamassa sob sistema de cimento queimado, de pedras rústicas ou, em alguns casos, de terra batida.

## Imagens nº 8



Alinhamento das casas em relação as ruas (Claudino Borges)

### **Arquitetura civil - as habitações tradicionais / familiares nos centros históricos de Cabo Verde – Um caso típico da Ribeira grande de Santiago**

As casas do centro histórico da Ribeira Grande – Santiago, apresentam um tipo de arquitetura rural de influência direta do Norte de Portugal, dos Açores e da Madeira, sem descurar a influência da arquitetura africana. Em termos de implantação no espaço urbano, podemos observar uma harmonia no alinhamento com as ruas, criando perspectivas lineares, e uma homogeneidade de dimensões e escalas.

Estes edifícios são fruto das várias culturas que estiveram na origem da Cidade Velha e traduzem o conhecimento desenvolvido pela população local da sábia utilização dos recursos materiais disponíveis para responder às diferentes necessidades habitacionais, fazendo face aos condicionantes naturais do lugar, como a orografia da cidade. Outro aspeto que consideramos de grande importância neste tipo de arquitetura, que utiliza recursos locais, é a sua sustentabilidade.

São habitações compostas por um só piso, de formato retangular, com uma correspondência total entre a largura do edificado e o terreno disponibilizado para a sua construção conforme tínhamos descrito nos modelos que identificamos no início do nosso trabalho.

Apresenta dois modelos de casa. Ou seja, quando a casa fica situada entre duas ruas paralelas pode ter duas frentes, viradas para cada uma das ruas. Este aspeto facilita muito o processo da extensão e aproveitamento do espaço tendo em conta o aumento progressivo do agregado familiar, assim como a possibilidade da divisão da casa em duas habitações, que podem ser perfeitamente alugadas a terceiros.

O outro modelo de casa é quando a habitação fica situada na confrontação de um outro lote na retaguarda, em que não há qualquer possibilidade de ampliar a extensão do lote, a não ser ocupando a área destinada ao quintal. Aqui estamos perante uma casa que muitas vezes não possui o quintal que desempenhava o papel do espaço da arrecadação.

Estas duas soluções foram se desenvolvendo de acordo com o aumento da população que consequentemente aumentou as construções dos edifícios, mas tiveram o seu ponto auge em 2011 com o sistema de regulamentação através da elaboração, aprovação e implementação do Plano diretor Municipal.

## Imagens nº 9



Configuração do espaço interior das habitações (Claudino Borges).

São construções caracterizadas por terem paredes ortogonais e espessas, em que podemos observar um predomínio do cheio em relação ao vazio, isto é, da área da parede construída em relação à área de abertura de vãos.

Esta tipologia regular da habitação permite criar alinhamentos do edificado no mesmo plano vertical, mesmo quando a sua implantação é condicionada pela topografia do terreno, o que confere unidade e harmonia ao conjunto urbano.

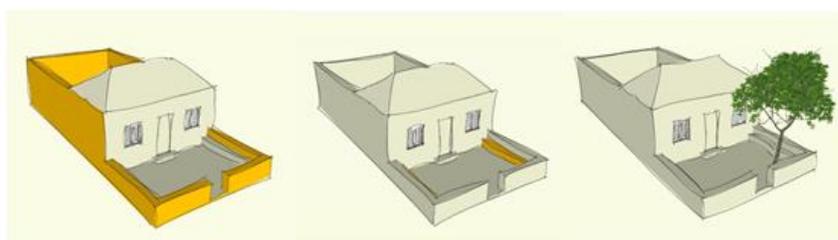
**Imagem n° 10**



Tipologias das habitações contemporâneas na Cidade Velha de modo a responder as necessidades atuais (Claudino Borges).

O património histórico-cultural é dinâmico como podemos confirmar na evolução significativa que tiveram as habitações vernaculares no centro histórico da Ribeira Grande de Santiago. Durante o seu levantamento, verificámos que estas casas apresentavam inicialmente um único espaço que desempenhava múltiplas funções: servia de espaço familiar, de dispensa para guardar objetos e mantimentos e ainda abrigava os animais domésticos. Havia uma comunhão entre as pessoas e os animais no mesmo espaço.

Imagem n° 11



Composição do espaço exterior (Claudino Borges)

O espaço interior era configurado da seguinte maneira: a sala de estar e o quarto eram localizados no volume principal e, estes espaços comunicam, simultaneamente, com a varanda e o quintal através de duas portas frente a frente que dão acesso a ambos os espaços. A cozinha e a instalação sanitária localizavam-se na área exterior do edifício, precisamente no quintal, onde era construído o anexo, no qual os moradores realizam as suas atividades domésticas (Manual Urbanístico Ilustrado da Cidade Velha, 2018).

Com o passar do tempo, mais concretamente no dealbar do período pós-independência, com o aumento dos agregados familiares e o surgimento de novas necessidades e hábitos quotidianos, esta configuração é alterada de forma a responder a essas demandas, seguindo alguns padrões da arquitetura contemporânea.

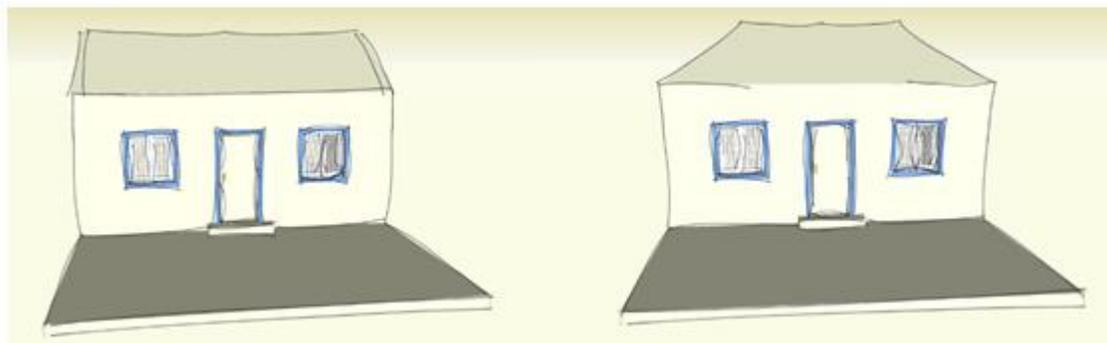
**Imagem n° 12**



Quintal da casa (Claudino Borges, 2018).

Outros detalhes não menos importantes são a varanda, o pátio e o quintal que servem como espaço de convívio e para a realização de outros trabalhos domésticos. A varanda é construída de pedra rústica ou talhada, tem uma altura delimitada entre 80 a 100 centímetros e muitas vezes comporta lugares de acentos tradicionais para a primeira recepção dos convidados. O quintal é construído com os mesmos materiais, faz parte da extensão da casa e possui uma altimetria igual a da casa. Com o aumento do agregado familiar e outras demandas sociais e familiares pode haver uma reestruturação do quintal, que passa a ter uma menor dimensão ou até ser extinto, para dar lugar ao levantamento de novos quartos ou de uma cozinha, como dissemos atrás.

**Imagens n° 13**



Desenho de fachada da casa (Claudino Borges).

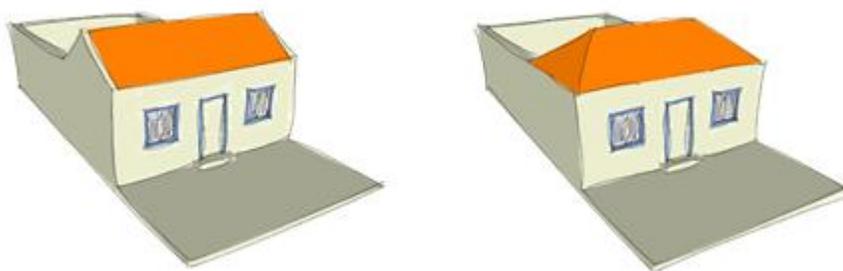
### Imagens n° 14



Fachadas de pedras basálticas aparentes e caiadas (Claudino Borges).

Essas habitações apresentam uma fachada simples, com paredes em pedra talhada, bem articulada com a argamassa ou feitas de alvenaria de blocos. A fachada é composta por uma ou duas portas e janelas de menor dimensão, abertas simetricamente, de modo a controlar a entrada das radiações solares e aumentar o conforto dos habitantes.

### Imagem n° 15



Coberturas com 2 e 4 águas (Claudino Borges).

O sistema de cobertura das casas tradicionais do centro histórico da Ribeira Grande evoluiu com o decorrer do tempo. Inicialmente eram utilizados materiais locais como o revestimento de palha da cana sacarina, sisal ou de carrapato, ou de ramos de coqueiro e caniço, que trançados e amarrados formavam uma cobertura em sistema de duas ou quatro águas. Com o passar do tempo e



pode-se encontrar os denominados modelos construtivos de cimento, de pedras basálticas e por último de caniço.

Estes três modelos correspondem a classes sociais diferentes: os senhores que são os grandes proprietários, os proprietários pertencentes a classe média e os rendeiros pertencentes as famílias menos abastadas.

## **Bibliografias**

AMARAL, Ilídio. Cabo Verde: **Introdução Geográfica** – In ALBURAUERQUE, Luís de e SANTOS, Maria Emília Madeira – **Historia Geral de Cabo Verde**, vol. I. Lisboa/praia: Instituto de Investigação Científica Tropical de Portugal/Direção Geral do Património de Cabo Verde. 1991.

BARCELOS, S. **Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné**. Vol. I -Partes I e II. Edição apresentada com notas e comentários de Daniel Pereira. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. Praia. 2003.

BRASIO, António. **Descobrimento, povoamento evangelização do Arquipélago de Cabo Verde**. In Revista Studia nº 10 de Julho. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1962.

BRITO, Semedo. **A Construção da Identidade Nacional: Análise da Imprensa entre 1877 e 1975**. IBNL. Praia. 2006.

CABRAL, Iva e SANTOS, Maria Emília. **Localização Geográfica e Formação da Sociedade**. In VARIOS – Cabo Verde, gente e paisagem. Bilbao: Agencia Espanhola de Cooperação Internacional. 2000. Praia.

FARIA, Francisco Xavier. **Os solos da Ilha de Santiago**. In Revista Estudos, Ensaios e Documentos nº 124. Lisboa: Instituto de Investigação Científica, 1970.

FERNANDES, J. (2012). **As Cidades de São Tomé e de Santo António, até aos séculos XIX e XX Arquitetura e Urbanismo**. Atas do Colóquio Internacional. São Tomé e Príncipe numa perspetiva interdisciplinar diacrónica e sincrónica. 2012. 73-86. Lisboa.

FREYRE Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. Ed. Harriet De Onis. Brasília. 1936.

GUEDES, Manuel Correia (ed). **Arquiterura Sustentável em Cabo Verde (Manual de Boas Práticas)**. CPLP. 2011. p. 78.

MANUAL Urbanístico Ilustrado da Cidade Velha. Instituto do Património Cultural. Cabo Verde. 2018.

COMES, Samuel F. **Impactes de apanha e extração de inertes em Cabo Verde segundo o Plano de Acção Nacional para o Ambiente (PANA II)**. República de Cabo Verde: Ministério de Ambiente Agricultura e Pesca. 2004

MURIAS, Manuel. **Cabo Verde: memoria breve**. Lisboa: Agencia Geral das Colonias, 1939.

PIRES, F. de Jesus Monteiro. **Da Cidade da Ribeira Grande à Cidade Velha em Cabo Verde – Análise histórico formal do espaço urbanos séculos XVI-XVIII**. Ed. Universidade de Cabo Verde. Mindelo. 2007.

PORTAS, Nuno. **A Habitação Social – Proposta para a Metodologia da sua arquitetura**. Ed. Bertrand Livreiros. Lisboa. 1995.

RAPOSO, Izabel e HENRIQUES, Cristina. (2005). **(Sub) urbanidade e transformação do uso do solo na periferia de Maputo**. UR, Cadernos da Faculdade da Arquitetura da UTL, cidades Africanas. 2005. pp.114-123.

RIBEIRO, Orlando. **Aspectos e problemas da expansão portuguesa**. Lisboa: J.I.U. 1962.

SILVA, Walter. (2015). **Arquitetura Civil da Cidade Velha**. Universidade de Cabo Verde. Praia. 2015. p. 50.

TEIXEIRA, Manuel. **A História Urbana em Portugal**. Desenvolvimento recentes. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.1993. 57.

VIANA, Davide. **Aprendendo com a forma urbana de Maputo**. Revista de Morfologia Urbana, v.1,n.1 de 1 de Julho. 2013. p.18.